

O FANTÁSTICO MUNDO REAL ENCANTADO: TRABALHANDO PRECONCEITOS NA ESCOLA ATRAVÉS DE PERSONAGENS DE CONTO DE FADAS

Autor: Georgia Caroline Grampes dos Santos; Coautor: Tatiele Pereira da Silva; Coautor: Elaine Cristina Queiroz Menezes; Coautor: Maria Inês Cabral Silva; Orientador: Dr.a. Ana Cristina Carvalho de Brito Teixeira

*UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE BALSAS – CESBA*

E-mail: georgia.grampes@gmail.com

O conto de fadas surge na Europa durante a Idade Média Moderna, pertence à literatura infantil, porém encanta pessoas das mais variadas faixas etárias. Têm por fonte a tradição oral, provavelmente as narrativas primordiais que ficaram registradas na memória dos povos e foram transmitidas através dos tempos. A transmissão das narrativas por meio da oralidade cria diferentes versões dos contos de fada, que com o passar do tempo, são refeitos, modificados, acrescentados e aos poucos, são ressignificados de acordo com o espaço e tempo. Como o estudo do conto de fadas normalmente se realiza no período em que o educando está no início de sua formação escolar, séries iniciais do Ensino Fundamental, percebe-se a profunda influência que esse gênero pode ter, interferindo possivelmente até em sua personalidade futura. Assim sendo, esta fase da vida inspira cuidados em relação ao estabelecimento de padrões físicos, principalmente quando se trata do conceito do belo. As crianças, com a personalidade ainda em formação, tomam por base um padrão imposto pela sociedade e pela mídia, e crescem acreditando que tem que ser assim e que não devem aceitar nada e nem ninguém que se desvie desse padrão.. Nesse contexto surge o tão conhecido bullying, problema crônico em nossa sociedade, principalmente nas escolas, que tem sido motivo de preocupação para pais e educadores. O conto de fadas é uma referência importante para a criança, trazendo princípios pré-estabelecidos como os conceitos de beleza, de feiura, do bem e do mal e esses conceitos devem ser trabalhados de modo a não gerar preconceitos futuros.

Por esse motivo o presente artigo tem por objetivo apresentar uma estratégia de estudo do gênero conto de fadas por meio de representações teatrais na qual os personagens serão adaptados para uma aparência mais próxima da diversidade brasileira. As principais personagens dos contos de fadas a serem trabalhados são - Branca de Neve, Cinderela, Bela, etc. - sob uma nova perspectiva com a aparência totalmente diferente da imposta pela mídia. A intenção é trazer esses personagens tão simbólicos para as crianças, de um modo que elas nunca viram, a fim de mostra-lhes que todas, independentemente da cor da pele, do olho ou cabelo, podem ser princesas.

O método inicial utilizado para amparar a pesquisa foi bibliográfico. Com base na análise e na investigação de obras referentes ao tema abordado, foram utilizados artigos da internet para dar suporte à produção do conhecimento sobre o assunto. Através dessa abordagem, futuramente será possível desenvolver junto aos alunos um trabalho de conscientização, levando às escolas personagens clássicos, como Branca de Neve, Cinderela e a Bela e a Fera, porém representadas por atores fora dos padrões considerados ideais pela sociedade. Ao longo dos anos vem sendo disseminada a ideia de que existe um padrão de beleza a ser seguido. Existe o corpo ideal, o cabelo ideal e até mesmo o tom de pele ideal. A mídia é uma das maiores influências de imposição dos padrões. Uma pesquisa realizada por Michele Escoura Bueno (2012, p.13), aluna da Universidade de São Paulo, mostra que, já aos cinco anos, as meninas relacionam feminilidade com consumo, padrão de beleza e casamento, portanto, é na infância que a influência midiática tem início e se propaga ao longo da vida adulta. De acordo com Henriette Silva (2014), tem-se visto um verdadeiro massacre humano, de mulheres, adolescentes, se matando para atingir um inatingível padrão de beleza imposto pela mídia e sociedade.

Os contos de fadas adaptados para o cinema e televisão na versão da Disney apresentam um número significativo de estereótipos. São produzidos especialmente para o público infantil. Percebe-se que a infância é a fase em que a sensibilidade da criança está predisposta para a aprendizagem, por meio do relacionamento humano, pelo processo de socialização e interação de uns com os outros. Assim, acredita-se que a imagem desses personagens não tem relação com seu contexto social, biótipo físico e isso pode provocar um sentimento de inadequação ante um mundo cheio de padrões, sentimento este que pode acompanhar a criança até a fase adulta propiciando problemas de baixa autoestima. “É notável que os padrões euro-descendentes são supervalorizados, podendo ser traumatizador para uma criança e futura mulher descendentes de africanos, uma vez que, fica disseminado que a mesma não pode ser uma princesa, um sonho da maioria das meninas”, afirma Sousa (2016). Este fato pode ser observado não só na indústria cinematográfica, mas também na indústria de brinquedos. Raramente vê-se em lojas bonecas com traços afrodescendentes, fato que obriga as meninas negras a terem bonecas com as quais em nada se identificam e pelas quais, devido às características inerentes à idade, deveriam nutrir os primeiros sentimentos maternos.

Nesse contexto, pode-se deduzir a razão de muitas meninas não se sentirem adequadas aos padrões. Crescem acreditando que existe um padrão para serem consideradas bonitas, tendo que ser loiras, magras, olhos azuis, brancas. Notou-se, nos últimos anos, uma pequena alteração nesse

“quadro padronizado”. A primeira princesa negra (Tiana) é representada como uma personagem com personalidade forte e valores morais bem distintos das outras princesas. A sua independência gera fascínio e bons exemplos a serem seguidos pelas crianças, no entanto, o fato de Tiana passar boa parte do filme em forma de sapo, contribui para seu “anonimato”. Outras princesas da Disney que não tem descendência europeia são Jasmine e Pocahontas, representando a origem oriental e indígena. Recentemente houve a aparição de uma nova princesa, a Elena de Avalor, que ganhou um espaço numa série do canal da Disney, fugindo dos padrões de beleza comum. Há uma mudança, pequena, mas significativa. Tem-se em mente que a desconstrução, a quebra de padrões, é um processo longo e demorado. O caminho que leva a uma sociedade onde o ideal de beleza seja diversificado logo na infância é extenso e árduo, mas não impossível, levando em conta essas gradativas mudanças no meio fílmico.

Com a diversificação dos padrões de modo que houvessem heroínas representando todas as etnias, possivelmente as meninas teriam o sentimento de identificação com a personagem por se parecer com ela. As mudanças que já ocorreram são inegavelmente importantes, porém, como já exposto anteriormente, ainda são insuficientes. Não há ainda igualdade nas representações cinematográficas entre princesas de estereótipos tradicionais e princesas cujos padrões inovam e tentam quebrar preconceitos e mudar antigos conceitos.

O *Projeto Todas as Mulheres (All Woman Project)*, criado pela modelo britânica Charli Howar junto com a também modelo Clementine Desseaux, valoriza mulheres de todos os tamanhos, cores e formas, que posam para a câmera sem nenhuma vergonha de assumirem seus corpos cheios de curvas e histórias, mostrando que são exatamente estas diferenças físicas que tornam o ser humano único e especial. Com base nisso, fica evidente que não precisa ser loira dos olhos azuis para ser uma princesa, ou ser magra para ser uma guerreira, assim como ser homem não é um pré-requisito para ser super-herói. Não se pode esquecer que os meninos também sofrem com padrões impostos. Os super-heróis famosos são obrigatoriamente homens, fortes, brancos e altos, trazendo aos meninos que não se encaixam nessa descrição a sensação de exclusão.

Os contos que adotam a ideia de beleza europeia, padrões de corpo magro e forma física definida como únicas, podem ser penosos para meninas e meninos afrodescendentes ou que não estejam no peso considerado ideal, pois constantemente ouvem essas histórias e dificilmente se identificam com alguma das personagens. Assim sendo, deve-se redobrar o cuidado com crianças e adolescentes, pois os mesmos estão em fase de desenvolvimento da personalidade, e tendo em vista que a construção da identidade dá-se pela consonância das características que nos são atribuídas por

outros com a opinião que temos de nós mesmos, os contos de fadas podem ser fator negativos na formação de opiniões e na autoimagem que a criança e adolescente formará de si. Lipovetsky (apud LIMA, 2014, p.10) afirma que não ser gorda já não é suficiente, é preciso ainda um corpo firme, musculoso e tônico, livre de qualquer marca de relaxamento ou de flacidez. Percebe-se que os padrões a cada dia tornam-se mais rígidos e inatingíveis, obrigando as pessoas a muitas vezes ultrapassar os próprios limites para tentar alcançá-los. Sujeitam-se às mais degradantes situações para tentar adequar nos padrões impostos.

Não objetivamos com este projeto criticar os estereótipos existentes, mas ampliar os horizontes para novos padrões de beleza, novas referências que possam mostrar para as crianças e adolescentes que não é preciso ser magro, alto e branco para ser considerado belo. Desenvolver na criança a aceitação do seu tipo físico e o orgulho pela sua aparência é de fundamental importância para que ela possa substituir os conceitos de feio e belo pelo conceito de diversidade, que concentra a verdadeira beleza.

Considerações Finais

Apesar das discretas recentes mudanças observadas nas personagens de contos de fadas o padrão predominante ainda é o clássico, que mantém o enfoque em características europeias, com princesas brancas, altas, magras e de olhos azuis. Esses estereótipos são excludentes, tendo em vista a diversidade da população em geral, e torna-se especialmente perigoso quando são direcionados a crianças e adolescentes. Observou-se a necessidade da quebra de paradigmas e da adequação dos contos de fadas de modo que os mesmos atinjam a todos os públicos, acabando assim com a sensação de exclusão que causam naqueles que estão fora dos padrões vigentes e considerados ideais.

Referências

BUENO, Michele Escoura. **Girando entre Princesas: performances e contornos de gênero em etnografia com crianças.** 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-08012013-124856/pt-br.php>>. Acesso em: 08/09/2017.

HOWAR, Charli; DESSEAUX, Clementine. **All Woman Project.** Disponível em: <<http://www.allwomanproject.com/>>. Acesso em: 08/09/17.

LIMA, Roseane da Silva. **A mídia na padronização estético corporal da beleza feminina.** Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3389/1/PDF%20-%20Roseane%20da%20Silva%20Lima.pdf>>. Acesso em: 08/09/17.

SILVA, Henriette Valéria da. **O padrão de beleza imposto pela mídia**. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed794_o_padrao_de_beleza_imposto_pela_midia/. Acessado em: 08/09/17.

SOUSA, Emanuella Geovana. MULHERES AFRODESCENDENTES TAMBÉM PODEM SER CINDERELA E BRANCA DE NEVE?. **Revista Fundamentos**, v. 2, n. 2, 2016. Disponível em <<http://revistas.ufpi.br/index.php/fundamentos/article/view/4738/2731>>. Acesso em: 08/09/2017.